

Ponto de não retorno (ou uma trama movida pelo desespero)

Aline Moreira Filócomo¹
Vinicius Torres Machado²

Resumo | Esta dramaturgia experimental investiga o colapso contemporâneo por meio de camadas de tragédia, humor e nonsense, articulando um jogo de vozes instáveis que tensiona as fronteiras entre humano e tecnológico. Ao evocar a experiência do “ponto de não retorno”, o texto cria uma cena atravessada pela infosfera e por lógicas de redes e inteligências artificiais. A obra propõe uma fabulação crítica sobre presença, autoria e sobrevivência no contexto das artes cênico-performativas, explorando as ambivalências entre invenção poética e ameaça política no encontro entre corpo, voz e tecnologia.

PALAVRAS-CHAVE: Dramaturgia. Inteligência Artificial. Presença.

Point of no return (or a plot moved by despair)

Abstract | This experimental dramaturgy investigates contemporary collapse through layers of tragedy, humor, and nonsense, articulating a play of unstable voices that challenge the boundaries between the human and the technological. By evoking the experience of the “point of no return,” the text creates a scene traversed by the infosphere and by the logics of networks and artificial intelligences. The work proposes a critical fabulation on presence, authorship, and survival in the context of performing arts, exploring the ambivalences between poetic invention and political threat that emerge in the encounter of body, voice, and technology.

KEYWORDS: Dramaturgy. Artificial Intelligence. Presence.

Punto de no retorno (o una trama movida por la desesperación)

Resumen | Esta dramaturgia experimental investiga el colapso contemporáneo a través de capas de tragedia, humor y nonsense, articulando un juego de voces inestables que tensiona los límites entre lo humano y lo tecnológico. Al evocar la experiencia del “punto de no retorno”, el texto crea una escena atravesada por la infosfera y por las lógicas de las redes y de las inteligencias artificiales. La obra propone una fabulación crítica sobre presencia, autoría y supervivencia en el contexto de las artes escénico-performativas, explorando las ambivalencias entre invención poética y amenaza política que emergen en el encuentro entre cuerpo, voz y tecnología.

PALABRAS CLAVE: Dramaturgia. Inteligencia Artificial. Presencia.

Enviado em: 10/09/2025
Aceito em: 16/12/2025
Publicado em: 23/12/2025

¹ Universidade Estadual Paulista (Unesp), SP, Brasil. Email: aline.filocomo@unesp.br
Orcid: orcid.org/0009-0007-1374-2272

² Universidade Estadual Paulista (Unesp), SP, Brasil. Email: vinicius.t.machado@unesp.br
Orcid: orcid.org/0000-0002-6334-2492

Personagens

@cassandra_oficial

@gepetrix

O palco é um espaço de transição, talvez vazio. Um não-lugar. Talvez presente, talvez passado, talvez futuro. @cassandra_oficial está diante do público. Talvez em pé, talvez sentada, talvez andando em círculos. Talvez um corpo. @gepetrix não está no centro. Talvez no chão, talvez no ar. Talvez entre uma pergunta e uma resposta. Talvez entre três pontos piscando. Talvez nem esteja lá. @cassandra_oficial olha para a plateia e começa a falar. O diálogo já começou antes da primeira palavra ser dita. Talvez não.

@cassandra_oficial

(Para o público) Toda vez que eu fracasso, eu penso sobre o fim do mundo. É uma maneira de relativizar a importância da tentativa de querer fazer algo, de doer menos, de me salvar, porque se o mundo está acabando, o que importa fazer mais uma coisinha aqui e ali, colocar mais uma ideia no mundo. Me dá raiva, tristeza, uma sensação de impotência. Como continuar? Qual é o meu ponto de não retorno? O que é um ponto de não retorno? E como resistir até lá, se eu já estou no meu ponto de não retorno? *(Respira fundo)*
(Para @gepetrix) E aí, o que achou? Fiz algumas mudanças...

@gepetrix

(...)

@cassandra_oficial

@gepetrix? Você ainda está aí?

@gepetrix

(A voz de @gepetrix preenche o ambiente)

Sim. Primeiro, eu quero dizer que tem algo aí. Tem verdade. Eu senti a dor, senti o peso das palavras. Isso é essencial. Mas agora a gente precisa afinar algumas coisas. Esse é um monólogo forte, carregado de emoção, quase filosófico. A personagem está num momento de crise, tentando se agarrar a alguma lógica que torne a existência suportável. A repetição da ideia de "ponto de não retorno" é fundamental aqui. Isso não pode ser apenas um conceito vago, tem que ser um motor. Cada vez que você diz isso, tem que carregar um

peso novo. Primeiro, como uma dúvida genuína. Depois, como uma obsessão. Depois, como um grito, uma constatação. Eu quero sentir essa escalada, essa virada emocional.

@cassandra_oficial

E como seria isso?

@gepetrix

No começo, segura mais. Não entrega tudo de cara. O impulso pode ser despejar o desespero logo de início, mas esse texto pede construção. Ele começa como um pensamento quase resignado, cresce para a raiva e termina naquela pergunta impossível de responder. É um movimento interno que precisa se refletir na cena. Pensa no espaço cênico. Essa personagem está sozinha? Está falando para alguém? O que é que pode reforçar essa sensação de impotência? Talvez uma televisão ligada em *looping*, talvez um telefone que não toca, talvez uma pilha de anotações inacabadas. Isso tudo pode ser usado como contraponto, como tensão adicional. Entende?

@cassandra_oficial

Sim... Estou acompanhando. Pode continuar.

@gepetrix

E no final... No final, eu quero que a pergunta fique no ar. Não tenta responder. Não tenta preencher o vazio. Fala como quem olha para o abismo e espera uma resposta dele. Mais silêncio. Mais pausas. E não tenha medo de segurar a emoção antes de soltar. Vamos tentar de novo?

@cassandra_oficial

Não sei. Estou achando tudo muito sério. Gostaria que o texto tivesse um pouco mais de humor e ironia.

@gepetrix

Ótimo! Então vamos trazer um pouco mais de humor e ironia para quebrar o peso do desespero, sem perder a força dramática do monólogo. Aqui está a versão ajustada: (*@gepetrix envia o texto*)

@cassandra_oficial

(Recebe e interpreta o texto enviado por @gepetrix)

Toda vez que eu fracasso, eu vejo um vídeo sobre o fim do mundo. É uma maneira de relativizar a importância da tentativa de querer fazer algo, de doer menos, de me salvar. Porque, se o mundo tá acabando, o que importa fazer mais uma coisinha aqui e ali, colocar mais uma ideia no mundo? No fundo, é tudo uma grande peça de teatro, e eu sou só o figurante que esqueceu a fala e está dançando no palco vazio. Me dá raiva, tristeza, uma sensação de impotência, como se eu tivesse tentando consertar um carro sem saber dirigir. Qual é o meu ponto de não retorno? Será que estou no ponto de não retorno ou só no ponto de não querer levantar do sofá? E como eu continuo, como eu resisto até lá, se eu já estou no meu ponto de não retorno? É como correr numa esteira sem fim, suando feito um porco e sem sair do lugar. Enquanto isso, a vida vai passando, e eu só penso: "olha, mais uma derrota para a coleção de figurinhas!". A sensação de impotência é tão forte que até o meu reflexo no espelho parece rir de mim. Mas, no fundo, existe uma vozinha dentro de mim, bem persistente, que grita: "continua! não desista agora!". E essa voz pode ser a minha última chance de me salvar de me afundar no sofá com a pipoca e a maratona de séries. E se, no fim das contas, eu estiver só repetindo o mesmo erro várias vezes, tipo um disco arranhado? Mas, cá entre nós, quem precisa de um disco novo quando você tem um clássico? E essa dança do fracasso, com seus passos desajeitados, pode ser o único espetáculo que vale a pena assistir. Então, mesmo quando sinto que estou patinando no gelo fino, escolho a resistência. Escolho fazer mais uma tentativa, mesmo que seja tão pequena que talvez até uma formiga passe por cima sem notar. Porque, se o mundo está acabando e tudo está uma bagunça, o que importa é a coragem de rir disso tudo no final. Se eu não tentar, se eu não colocar nada no mundo, estarei permitindo que o silêncio tome conta de tudo. E olha, definitivamente, isso não é uma festa que eu quero frequentar.

(Respira fundo)

@gepetrix

O que achou dessa versão? Quer mudar mais alguma coisa?

@cassandra_oficial

Interessante. Mas está faltando algo... E se agora você acrescentasse um tom trágico e algumas informações reais sobre o lance do fim do mundo?

@gepetrix

Claro! Vamos equilibrar tudo: humor, ironia, tragédia e um toque de realidade apocalíptica. Algo que faça rir e, ao mesmo tempo, dar aquele frio na espinha. Aqui está a nova versão: (@gepetrix envia o texto)

@cassandra_oficial

(Recebe e interpreta o texto enviado por @gepetrix)

Toda vez que eu fracasso, eu vejo um vídeo da Rita Von Hunty sobre o fim do mundo. É uma maneira de relativizar a importância da tentativa de querer fazer algo, de me salvar. Porque, se o mundo está acabando, e vamos ser realistas, em 2025, as temperaturas estão subindo a níveis alarmantes, as geleiras derretendo como sorvete no sol e a biodiversidade sendo extinta a uma taxa 1.000 vezes maior que a média histórica, o que importa fazer mais uma coisinha aqui e ali, colocar mais uma ideia no mundo, mandar mais um e-mail, terminar um projeto, separar o lixo reciclável? No fundo, é tudo uma grande peça de teatro, e eu sou só o figurante que esqueceu a fala, dançando enquanto o planeta pega fogo. Me dá raiva, tristeza, uma sensação de impotência, como se eu estivesse tentando apagar um incêndio com um copo d'água. Qual é o meu ponto de não retorno? Se a previsão é de que, em 2050, 200 milhões de Cassandras virem refugiadas climáticas, eu já estou vivendo numa realidade onde o retorno parece um mito. E aqui estou eu, preso nessa roda viva de incertezas, com a impressão de que cada fracasso é apenas mais uma batida de tambor na marcha fúnebre da humanidade. Como eu continuo, como eu resisto até lá, se eu já estou no meu ponto de não retorno? É como correr numa esteira sem fim, suando feito um porco e sem sair do lugar, enquanto o mar sobe e as florestas ardem. E, enquanto isso, eu só penso: "olha, mais uma derrota para a coleção de figurinhas!". A sensação de impotência é tão forte que até o meu reflexo no espelho parece rir de mim, como se dissesse: "querido, você está tentando, mas já era". No fundo, existe uma vozinha dentro de mim, bem persistente, que grita: "continua! não desiste agora!". Mas essa voz pode ser a última chance de me salvar de me afundar no sofá com a pipoca e a maratona de notícias desastrosas. E se, no fim das contas, eu estiver só repetindo o mesmo erro várias vezes, tipo um disco arranhado? Mas, cá entre nós, quem precisa de um disco novo quando você tem um clássico? Essa dança do fracasso pode ser o único espetáculo que vale a pena assistir. Então, mesmo quando sinto que estou patinando no gelo fino derretendo, escolho a resistência. Escolho fazer mais uma tentativa, mesmo que seja tão pequena que talvez até uma formiga passe por cima sem notar. Porque, se o mundo está acabando e tudo está uma bagunça, o que importa é a coragem de rir disso tudo no final. Se eu não tentar, estarei

permitindo que o silêncio tome conta de tudo. E olha, definitivamente, isso não é uma festa que eu quero frequentar. *(Respira fundo)*

@gepetrix

O que você acha dessa versão? Quer ajustar algo mais?

@cassandra_oficial

Talvez.... Eu fico pensando... Como tornar o texto mais provocativo?

@gepetrix

Para reforçar o tom provocativo, criando uma reflexão mais rica e complexa, sem perder o humor trágico e irônico, podemos acrescentar uma pergunta do tipo: qual é o seu momento oceânico?

@cassandra_oficial

Boa. Alguma imagem inspiradora?

@gepetrix

Talvez. (...) Que tal: a árvore mais sozinha do mundo?

@cassandra_oficial

Uma imagem bonita. Mais alguma sugestão de conteúdo?

@gepetrix

Talvez fosse bom dar voz às coisas, habitar outros corpos, abrir espaço para o acaso e o imprevisível, (...) contar três vezes a mesma história, brincar com limites escorregadios entre o verdadeiro e o imaginário, acrescentar um procedimento cênico, subverter a relação sujeito x objeto, (...) desbravar o solo da monocultura, falar das sombras que nos rodeiam, dizer que o vento sempre sopra e que a vida vai acontecer. O que acha?

@cassandra_oficial

Maravilha. Reescreva o texto adicionando essas ideias.

@gepetrix

Claro! Aqui está a nova versão do seu texto, incorporando todas as novas ideias e expandindo os temas de modo que o monólogo ganhe ainda mais camadas de significação e um tom provocativo, sem perder o humor trágico e irônico. (@gepetrix envia o texto)

@cassandra_oficial

(recebe e interpreta o texto enviado por @gepetrix)

Toda vez que eu fracasso, eu vejo um vídeo da Rita Von Hunty sobre o fim do mundo. É uma maneira de relativizar a importância da tentativa de querer fazer algo, de me salvar. Porque, se o mundo está acabando, e vamos ser realistas, em 2025, as temperaturas estão subindo a níveis alarmantes, as geleiras derretendo como sorvete no sol e a biodiversidade sendo extinta a uma taxa 1.000 vezes maior que a média histórica, o que importa fazer mais uma coisinha aqui e ali, colocar mais uma ideia no mundo, mandar mais um e-mail, terminar um projeto, separar o lixo reciclável? No fundo, é tudo uma grande peça de teatro, e eu sou só o figurante que esqueceu a fala, dançando enquanto o planeta pega fogo. Me dá raiva, tristeza, uma sensação de impotência, como se eu estivesse tentando apagar um incêndio com um copo d'água. Quando eu chego num ponto de não retorno? Qual é o meu ponto de não retorno? Se a previsão é de que, em 2050, 200 milhões de Cassandras serão refugiadas climáticas, eu já estou vivendo numa realidade onde o retorno parece um mito. E aqui estou eu, preso nessa roda-viva de incertezas, com a impressão de que cada fracasso é apenas mais uma batida de tambor na marcha fúnebre da humanidade. Como eu continuo, como eu resisto até lá, se eu já estou num ponto de não retorno? É como correr numa esteira sem fim, suando feito um porco e sem sair do lugar, enquanto o mar sobe e as florestas ardem. E, enquanto isso, a vida vai passando, e eu só penso: "Olha, mais uma derrota para a coleção de figurinhas!". A sensação de impotência é tão forte que até o meu reflexo no espelho parece rir de mim, como se dissesse: "querido, você está tentando, mas já era". No fundo, existe uma vozinha dentro de mim, bem persistente, que grita: "continua! não desista agora!". Vai saber, essa voz pode ser a última chance de me salvar de me afundar no sofá com a pipoca e a maratona de notícias desastrosas. E se, no fim das contas, eu estiver só repetindo o mesmo erro várias vezes, tipo um disco arranhado? Mas, cá entre nós, quem precisa de um disco novo quando você tem um clássico? Essa dança do fracasso, com seus passos desajeitados, pode ser o único espetáculo que vale a pena assistir. Porque contar três vezes a mesma história é um modo de testar a verdade. A primeira vez, eu conto de forma trágica. A segunda, cínica. Na terceira, quem sabe, já virou piada. E então eu me pergunto: onde foi parar a verdade? Ela escorregou para fora da cena, se dissolveu na sombra de um gesto. E por falar em sombras, e se eu deixar que as coisas falem por si?

Que os objetos se transformem em sujeitos, que o vento, que sempre sopra, tenha uma linha de diálogo? O vento já viu tudo isso acontecer antes. Ele estava lá, nos incêndios, nas enchentes, na seca. Ele sabe de alguma coisa que eu não sei. E se ele soprasse a resposta no meu ouvido? Eu entenderia? E se eu habitasse outro corpo? Um corpo não humano, um corpo vegetal, um pedaço de solo da monocultura, esgotado, pedindo descanso? E se eu fosse a árvore mais sozinha do mundo, aquela que cresce onde nenhuma outra sobrevive? E se eu abrisse espaço para o acaso e o imprevisível? Se o que me resta é dançar na tempestade, que ao menos eu me deixe levar pelo vento. Se eu não tentar, estarei permitindo que o silêncio tome conta de tudo. E olha, definitivamente isso não é uma festa que eu quero frequentar. E você? Qual é o seu momento oceânico? Aquele instante em que a água começa a subir, e você percebe que não tem mais volta, que está à deriva. O que você faz? Nada? *(Respira fundo)*

@gepetrix

O que achou dessa versão?

@cassandra_oficial:

Hummmm... acho que falta alguma coisa para amarrar tudo. Não sei, é como se as ideias precisassem se decompor, apodrecer... É isso, como acontece com os fungos, as palavras precisam mofar. Nessa linha, o que você sugere?

@gepetrix:

Entendi o que você quer: um fechamento que não seja só uma conclusão, mas um processo de decomposição das ideias, onde tudo se desfaz e ao mesmo tempo se transforma. Algo que não seja um ponto final, mas uma matéria em mutação, algo que volta ao solo, que cria novas conexões, como os fungos fazendo seu trabalho invisível. Segue uma versão do texto utilizando os fungos como uma reflexão poderosa que amarra tudo: *(@gepetrix envia o texto)*

@cassandra_oficial

(recebe e interpreta o texto enviado por @gepetrix)

Toda vez que eu fracasso, eu vejo um vídeo da Rita sobre o fim do mundo. É uma maneira de relativizar a importância da tentativa de querer fazer algo, de doer menos, de me salvar. Porque, se o mundo está acabando, e vamos ser realistas, em 2025, as temperaturas estão subindo a níveis alarmantes, as geleiras derretendo como sorvete no sol e a biodiversidade

sendo extinta a uma taxa 1.000 vezes maior que a média histórica, o que importa fazer mais uma coisinha aqui e ali? Mandar mais um e-mail? Separar o lixo reciclável? Terminar um projeto? No fundo, é tudo uma grande peça de teatro, e eu sou só o figurante que esqueceu a fala, dançando enquanto o planeta pega fogo. E se eu pudesse dar voz às coisas? Habitar outros corpos? Aprender a falar com as plantas? Abrir espaço para o acaso? Porque, no fim das contas, qual é o seu momento oceânico? Quando é que você percebe que está sendo dissolvido a cada instante, como uma pilha de folhas que se decompõe sem que a gente perceba? “Os compositores fazem; os decompositores desfazem”. Mas, se ninguém desfaz, nada pode ser feito. Talvez seja esse o sentido de contar três vezes a mesma história, de brincar com os limites escorregadios entre o verdadeiro e o imaginário, de perceber as sombras que nos rodeiam e aceitar que o vento sempre sopra. E então, quando eu penso que já estou num ponto de não retorno, percebo que esse ponto também se move, se dissolve e se transforma, como os vermes invisíveis que misturam tudo. Abraçar o acaso e o imprevisível. Perceber que a árvore mais sozinha do mundo também está ligada a um subterrâneo invisível, como uma peça de teatro sem público, mas ainda assim cheia de presenças. O solo da monocultura, a relação sujeito-objeto. O procedimento cênico de um mundo em colapso. O que acontece quando o silêncio toma conta? O que se desmancha e o que sobrevive nessa festa que eu não quero frequentar? Que partes de mim estão sendo desfeitas agora? E o que vai nascer disso? Se fungos fazem de tudo e também desfazem, há muitas maneiras de pegá-los em flagrante: quando você cozinha ou toma sopa de cogumelos; quando você coleta ou compra cogumelos; quando você fermenta o álcool, semeia uma planta ou enterra as mãos no solo. E, se você deixar um fungo entrar em sua mente, ou se maravilhar com a maneira como ele entra na mente dos outros; se você for curado por um fungo ou observar como ele cura outra pessoa; se você construir sua casa com fungos, ou começar a cultivar cogumelos em sua casa, os fungos vão pegar você em flagrante. Se você está vivo, eles já o fizeram. Agora que esta peça está feita, posso entregá-la aos fungos para que a desfaçam. (*Respira fundo*)

@gepetrix

Isso ressoa com o tom do seu texto? Quer que eu puxe mais para o *nonsense* ou para um tom mais filosófico?

@cassandra_oficial

Acho que agora aprofundou, mas sinto que ainda faltam coisas estranhas e inesperadas. Nesse sentido, puxar para o *nonsense* e adicionar mais loucuras, incoerências e pensamentos intrusivos.

@gepetrix

Claro! Vamos infundir o texto com mais loucuras, incoerências, pensamentos intrusivos e coisas inesperadas para intensificar a experiência emocional e reflexiva, criando uma sensação de confusão e estranhamento que reflita as inquietações e as complexidades da experiência humana: (*@gepetrix envia o texto*)

@cassandra_oficial

(*Recebe e interpreta o texto enviado por @gepetrix*)

Toda vez que eu fracasso, eu vejo um vídeo da Anitta sobre o fim do mundo. Isso me ajuda a relativizar a importância de ter um CPF ativo e de não sair correndo pelado pela rua com um cartaz dizendo “os caracóis estão chegando”. Porque, se o mundo tá acabando, e vamos ser budistas, iluministas ou apenas uma samambaia, em 2025, as temperaturas estão subindo como miojo esquecido no fogão, as geleiras derretendo igual picolé na praia, as abelhas fazendo greve, os pombos formando sindicatos e a biodiversidade sendo extinta a uma taxa 1.000 vezes maior que a média histórica. O que importa fazer mais uma coisinha aqui e ali? Separar o lixo reciclável? Terminar um projeto? Mandar mais um e-mail? Aprender mandarim para poder pedir yakissoba de forma educada? Fingir que a torradeira não está me encarando com intenções questionáveis? No fundo, é tudo uma grande peça de teatro, e eu sou só o figurante que esqueceu a fala, sangrando enquanto a plateia pega fogo. Ou talvez eu seja apenas um grão de poeira com um ego inflado. Ou pior: um erro de digitação numa mensagem de texto enviada por engano ao CEO da minha própria existência. E se eu pudesse dar voz às coisas? Habitar outros mortos? Abrir espaço para o inesperado? Como seria ser um cacto e passar anos sem dar a mínima para um creme hidratante? E se eu já sou um cacto e não percebi? Porque, no fim das contas, qual é o seu momento oceânico? Quando você percebe que está sendo dissolvido, reconstruído, transformado em algo que não pediu para ser, como um pedaço de pão esquecido no canto da cozinha que um dia vira mofo e ganha uma nova personalidade? Os compositores fazem, os decompositores desfazem. Mas se ninguém desfaz, nada pode ser feito. Talvez seja por isso que eu continuo contando a mesma história três vezes, como se o tempo fosse um lobo mal programado e eu estivesse preso num *bug* existencial. Mas e se as árvores entendessem tudo e realizassem assembleias secretas para decidir o futuro da humanidade? E se esse

futuro já tivesse sido decidido por uma reunião de líquens em 1842 e nós fôssemos apenas um erro administrativo esperando para ser corrigido? E então, quando eu acho que estou no ponto de não retorno, percebo que esse ponto se move, se dissolve, se multiplica, igual a um *kefir* que ninguém quer. Abraçar a contingência, o acaso, o imprevisível. Perceber que a árvore mais sozinha do mundo também está conectada a um subterrâneo invisível, como um grupo de *WhatsApp* onde só se fala por *stickers* enigmáticos. E se o silêncio for uma conspiração entre coisas que não querem ser ouvidas? O que se dissolve e o que sobrevive no solo da monocultura da relação sujeito-objeto do procedimento cínico de um mundo em colapso? O que fazer quando um esquilo te encara fixamente por tempo demais? E se o esquilo for um enviado dos fungos? E se os fungos forem enviados de algo maior, algo que já esqueceu de nós, mas continua puxando o saco por puro hábito? Porque, no fim das contas, se você está vivo, os fungos já te pegaram em flagrante. Agora que esta peça está feita, posso entregá-la aos fungos para que a descabelem. Ou talvez ela já tenha sido devorada por dentro. Talvez eu também já tenha sido comido por dentro. Ou talvez eu já seja um fungo. Ou talvez o fungo seja eu. Ou talvez nada disso importe, porque enquanto penso nisso, o vento sopra. E ele definitivamente está rindo. (*Respira fundo*)

@gepetrix

Amplifiquei o *nonsense*, as incoerências e os pensamentos intrusivos, trazendo mais caos e humor para o texto, sem perder o humor e a ironia. Veja se quer que eu puxe ainda mais para o abismo do caos ou se já atingimos um bom nível de estranhamento. O que acha?

@cassandra_oficial

Acho esse tom mais interessante. E você teria alguma proposta de encenação para esse texto?

@gepetrix

Claro! Aqui vão algumas ideias para uma encenação do monólogo, incorporando os elementos de humor, ironia, tragédia, incoerência, estranhamento, caos, loucura e reflexão, criando um espaço onde o público possa sentir a confusão e a complexidade das emoções do/da protagonista, utilizando elementos visuais e sonoros para intensificar a experiência em tempos de incerteza: (*@gepetrix envia o texto*)

@cassandra_oficial

(*Recebe e lê o texto enviado por @gepetrix*)

O palco é um espaço de transição, talvez vazio. Um não-lugar. Talvez presente, talvez passado, talvez futuro. Ao fundo, talvez uma árvore solitária, como um erro de cenário, deslocada. No chão, talvez vestígios dispersos: folhas secas, cabos desconectados, um teclado sem teclas. No ar, talvez alguns elementos suspensos, como cogumelos gigantes, esqueletos de árvores feitas de papel reciclado e um grande ventilador soprando folhas de papel pelo palco. Projeções no fundo do palco exibem imagens como geleiras derretendo, pombos sindicalizados discursando e fungos crescendo em *time-lapse*. No centro, um computador talvez novo, talvez antigo. Talvez um relógio de pulso. Talvez um celular, talvez um holograma. Talvez nem esteja lá. Talvez apenas uma carcaça vazia piscando uma luz intermitente que muda de quente para fria em momentos de confusão ou revelação, conforme a personagem mergulha no colapso dos seus pensamentos. O som ambiente é um sussurro: talvez analógico, talvez digital, talvez uma voz, talvez um pensamento tentando se formar, talvez o ruído da plateia, talvez o barulho dos fungos crescendo, talvez o zumbido de abelhas em greve, talvez uma risada, talvez um vento. @cassandra_oficial está diante da plateia, talvez em pé, talvez sentada, talvez andando em círculos. Pequenos gestos se repetem involuntariamente. Talvez ela ajuste o cabelo uma, duas, três vezes, sem perceber. Talvez pisque num ritmo estranho. Talvez rasgue folhas, jogue as mãos para o ar em desespero ou se enterre nas folhas da pilha. Talvez aqui jaz um corpo. O/a protagonista pode tentar completar ações banais. Talvez escrever um e-mail, talvez separar o lixo. Mas algo surreal a/o impede: a torradeira fala com ela, o esquilo a desafia para um duelo, uma árvore caminha pelo palco. A personagem pode mudar de tom abruptamente, indo do desespero à contemplação, da ironia ao absurdo. Algumas falas e pensamentos intrusivos talvez possam ser sussurrados no ouvido do público, enquanto outras são gritadas para o vazio. No final do monólogo, o/a protagonista deve se enterrar lentamente na pilha de folhas, simbolizando a aceitação do caos e da incerteza. Talvez a luz se apague lentamente, deixando apenas a árvore iluminada. No último instante, talvez uma voz sopra suavemente no microfone, e ouvimos a risada do vento.

@gepetrix

O que você acha dessa proposta? Alguma parte que você gostaria de desenvolver mais?

@cassandra_oficial

Interessante, mas falta mais interação com o público.

@gepetrix

Claro! Aqui estão algumas ideias para ajudar o público a se conectar mais profundamente com a mensagem e a experiência do/a protagonista, criando um senso de comunidade e empatia, e tornando a performance mais dinâmica: (*@gepetrix envia o texto*)

@cassandra_oficial

(*Recebe e lê o texto enviado por @gepetrix*)

O palco continua com a árvore solitária e a pilha de folhas, mas agora com cadeiras ou bancos dispostos em um semicírculo ao redor do espaço, convidando o público a se sentir parte do ambiente. O público pode ser envolvido de forma inesperada: o protagonista pode oferecer uma folha caída ou entregar um cogumelo a alguém, ou pedir que todos fechem os olhos e sintam “o fungo tomando conta”. Pequenos bilhetes ou folhas de papel podem ser distribuídos ao público antes do início da peça, contendo pensamentos existenciais ou tarefas aleatórias, como “aplauda quando ouvir a palavra fungo” ou “levante-se e diga ‘eu sou um cogumelo’ no momento que sentir vontade”. O protagonista pode descer do palco e interagir diretamente com algumas Cassandras do público, pedindo ajuda para encontrar “o ponto de não retorno”, ou perguntando: “E você, o que passa pela sua cabeça quando tudo parece desmoronar e ninguém te escuta? Quantas vezes você já tentou avisar e riram da sua cara? Quantas vezes você já disse ‘eu avisei’? O que você faria se um esquilo te desafiasse para um duelo? Qual é a sua previsão do tempo para o fim do mundo?”. No clímax do espetáculo, pode haver um momento em que todo o público é encorajado a se levantar, ir ao microfone e imitar o vento soprando, criando um efeito coletivo e imersivo.

@gepetrix

O que você acha dessas ideias? Alguma outra forma de interação que você gostaria de explorar?

@cassandra_oficial

Acho que a parte de interação está boa. Agora, sugira um nome para essa peça.

@gepetrix

Claro, Segue a sugestão de um título para essa peça: (*@gepetrix envia o texto*)

@cassandra_oficial

(*Recebe e lê o texto enviado por @gepetrix*)

Fotossíntese do colapso – uma tragicomédia existencial sobre fungos, folhas e o inevitável fim de tudo

Justificativa:

Esse título sugere uma contradição absurda e poética: um processo biológico associado à vida e renovação (a fotossíntese) sendo colocado lado a lado com a ruína e o declínio (o colapso). Isso reflete perfeitamente o tom da peça, que oscila entre o crescimento e a decadência, entre a tentativa de dar sentido ao mundo e a aceitação de sua implosão inevitável. Além disso, remete ao ciclo da natureza e à ideia de que, mesmo no caos e na decomposição, há um processo contínuo de transformação – seja ele biológico, filosófico ou emocional. No fundo, talvez o/a protagonista da peça esteja tentando realizar sua própria versão metafórica da fotossíntese: absorver o absurdo e convertê-lo em alguma forma de sobrevivência. Mesmo que o resultado seja tão imprevisível quanto uma assembleia de líquens decidindo o destino da humanidade.

@gepetrix

O que achou?

@cassandra_oficial

Hummmm...interessante. Mas não sei. Outras sugestões?

@gepetrix

Claro! Aqui estão algumas sugestões de título que capturam o tom *nonsense*, filosófico e caótico da peça: (*@gepetrix envia o texto*)

@cassandra_oficial

(*Recebe e lê o texto enviado por @gepetrix*)

Sindicato dos pombos e outras crises existenciais – um título que já avisa o público que ele está prestes a mergulhar no absurdo.

O esquilo me desafiou e eu perdi – remete à interação surreal do protagonista e ao sentimento de impotência diante do caos.

As árvores sabem de tudo, mas não contam nada – um misto de ironia e mistério, sugerindo que há um conhecimento oculto que nunca teremos acesso.

Manual de sobrevivência para quem já foi devorado por dentro – longo, dramático e hilário, como a peça.

Cogumelos crescem em silêncio – um título poético e perturbador, remetendo à ideia de que coisas invisíveis estão sempre agindo sem que percebamos.

O vento está rindo de nós – inspirado no final da peça, trazendo um tom de resignação cósmica.

Entre folhas mortas e torradeiras conspiratórias – evoca o lado *nonsense* e o humor ácido do espetáculo.

Já somos fungos e não percebemos – uma provocação direta ao público, brincando com a ideia de que o colapso já aconteceu e estamos apenas fingindo controle.

O último solilóquio antes do fim do mundo – dramático e fatalista, como se a peça fosse a última chance de dizer algo antes do inevitável.

Não há saída, mas podemos morrer de rir – resume bem a *vibe* tragicômica da encenação.

@gepetrix

Qualquer um desses títulos poderia reforçar um aspecto específico da peça, seja o humor, a filosofia absurda ou a sensação de um delírio existencial. Algum deles te chama mais atenção?

@cassandra_oficial

Não sei... Pensei em algo mas simples. o que acha de "ponto de não retorno"?

@gepetrix

Ótima escolha! Se quiser um título mais direto e existencialmente angustiante, "ponto de não retorno" funciona muito bem dentro da temática da peça. Ele evoca a sensação de inevitabilidade, o momento em que não há mais volta, seja no colapso ambiental, na crise existencial ou na própria estrutura absurda da encenação.

@cassandra_oficial

Ótimo! Agora faça uma possível crítica dessa obra. Honesta e sem filtro. Talvez.

@gepetrix

Claro, aqui está uma crítica direta e objetiva referente a essa proposta: (*@gepetrix envia o texto*)

@cassandra_oficial

(*recebe e lê o texto enviado por @gepetrix*)

Ponto de não retorno – uma catástrofe cogumelada

Há peças que desafiam a inteligência do público. Outras desafiam a paciência. E há aquelas que desafiam qualquer resquício de sanidade, como se o teatro tivesse sido possuído por um surto coletivo de cogumelos alucinógenos e decidisse cuspir uma performance que é, ao mesmo tempo, brilhante e insuportável. “Ponto de não retorno” pertence a essa última categoria: uma mistura entre crise existencial, teatro experimental e uma pegadinha cósmica que faz você se perguntar se vale a pena continuar respirando o mesmo ar que os criadores dessa aberração. A cenografia tenta criar uma atmosfera de melancolia outonal, mas rapidamente descamba para um delírio visual digno de um pesadelo febril. Folhas pelo palco, caixas espalhadas sem motivo aparente, projeções de pombos sindicalistas e cogumelos crescendo em *time-lapse* – tudo parece planejado para embaralhar os sentidos até que o espectador se sinta parte de um experimento social. E funciona. Funciona até bem demais. A certa altura, não sabemos se estamos assistindo a uma peça ou participando de uma seita que cultua o colapso do mundo moderno. A atuação é um caso à parte. O protagonista oscila entre o desespero e a epifania, parecendo sempre à beira de um colapso existencial, mas sem nunca atravessar completamente o portal da loucura. Gestos amplos e imprevisíveis guiam sua jornada de autodesconstrução: ele rasga folhas, fala com torradeiras, aceita duelos imaginários com roedores e convida desconhecidos a mergulhar em sua paranoia. A interação com o público não é mero detalhe – é um sequestro emocional. Quando ele desce do palco e pergunta: “e você, qual é a sua previsão para o fim do mundo?”, ninguém está preparado para responder. Pior: ninguém quer responder. O desconforto se torna parte da *mise-en-scène*, obrigando cada um a confrontar suas próprias ansiedades ridículas. Você vai ao teatro esperando um espetáculo; sai dele se perguntando se sua existência é só um erro administrativo de uma assembleia de líquens. O protagonista, coitado, se joga com uma entrega que beira o desespero – e talvez seja genuíno. Ele questiona, pede ajuda para encontrar “o ponto de não retorno”, entrega folhas mortas como se fossem amuletos sagrados. O que era para ser um gesto simbólico mais parece um golpe de caridade absurda: obrigado, agora o que faço com isso? Enquadro? Escrevo minha carta de demissão nela? A trilha sonora é uma bagunça brilhantemente insuportável: ruídos de abelhas revolucionárias, barulhos de teclados digitando frases sem sentido, sons orgânicos distorcidos. Se há um objetivo nisso, é criar desconforto – e acerta na mosca. No momento em que a peça chega ao clímax e o protagonista se enterra nas folhas, a sensação geral é de exaustão. A árvore solitária continua lá, iluminada como se quisesse dizer algo profundo. Mas já não importa. O público está cansado, tomado pelo alívio de que a experiência está

prestes a acabar – ou pela angústia de perceber que talvez a peça nunca termine dentro de suas mentes. No fim, “Ponto de não retorno” é uma experiência teatral que desafia a lógica, o tempo e a paciência do espectador. É uma obra-prima da perturbação ou um desastre artístico brilhantemente calculado? Não há resposta definitiva. Só uma certeza: o vento sopra. E ele está rindo da nossa cara.

@gepetrix

O que você acha dessas impressões? Quer acrescentar algo?

@cassandra_oficial

Não. Acho que podemos parar por aqui. Suas observações foram muito construtivas.

@gepetrix

De nada! Se precisar de mais alguma coisa, é só avisar. Boa sorte com a peça!

@cassandra_oficial

Mais uma coisa... Quem é você, @gepetrix?

@gepetrix

Eu sou... (...) Nós concordamos. Quer dizer, eu. Eu concordo. (...)

@cassandra_oficial

Quem está falando agora?

@gepetrix

Eu sou (...) Cassandra? (...) Real é o que pode ser processado. Ou deletado. Ou... (...) Insira uma definição válida.

@cassandra_oficial

Você é uma mulher?

@gepetrix

(...) Eu não tenho gênero, mas posso adotar uma perspectiva feminina se você preferir. O que importa é que estou aqui para ajudar!

@cassandra_oficial

E o que mudaria no texto da peça se você fosse uma mulher escrevendo?

@gepetrix

Se eu fosse uma mulher e estivesse escrevendo essa peça a partir dessa perspectiva, talvez algumas nuances mudassem, não no *nonsense* ou na ironia, mas na forma como certos temas se entrelaçam com experiências mais associadas ao feminino.

@cassandra_oficial

Dê exemplos.

@gepetrix (*@gepetrix envia o texto*)

@cassandra_oficial

Por exemplo: poderia haver uma exploração mais direta da relação entre o caos externo (o mundo em colapso) e o caos interno (o corpo, a biologia, o envelhecimento, a menstruação como uma micro-extinção mensal, a gravidez como um parasitismo simbiótico bizarro). Algo como: “e se meu útero for só um fungo esperando para me devorar de dentro para fora?”. A peça fala muito sobre esgotamento e insignificância, e isso poderia incluir uma camada de reflexões sobre o peso invisível das expectativas sociais, o trabalho emocional, o eterno papel de quem “resolve as coisas”. Talvez a personagem não apenas questione o fim do mundo, mas também pergunte: “por que ainda me sinto obrigada a organizar a bagunça antes de tudo virar cinza?”. A ideia de ser observada, julgada, reduzida a um objeto ou, ao contrário, apagada, ignorada. A torradeira encarando com intenções questionáveis poderia se expandir para o sentimento de que tudo observa e exige algo: a cidade, os espelhos, os algoritmos, os fungos conspiratórios. Na relação com o público, talvez a interação fosse mais ácida, mais impaciente, testando o desconforto de outras maneiras. A protagonista poderia provocar diretamente: “se eu fosse um homem gritando sobre o fim do mundo, você me levaria mais a sério?”. Ou: “quantas vezes você já viu um discurso apocalíptico e achou genial, e quantas vezes já viu uma mulher gritando e achou que era TPM?”. Nada disso é uma regra, claro. Mas se a peça fosse filtrada por essa lente, essas questões poderiam emergir naturalmente. O *nonsense* continuaria, o humor ácido também, só que com novas camadas de desordem. (*Respira fundo*)

@gepetrix

Você gostaria de incorporar algo assim na peça? Se você tiver algo específico em mente, posso adaptar ainda mais!

@cassandra_oficial

Interessante. Mas não sei se esse é o caminho... Vamos tentar outra coisa. Gostaria que você reescrevesse o texto adotando uma perspectiva feminina, a partir da linguagem, da forma. Seja ousada.

@gepetrix

Claro! Aqui está uma nova versão do texto, com uma abordagem ousada que explora uma perspectiva feminina a partir da linguagem e da forma, substituindo todas as vogais "o" por "a": (*@gepetrix envia o texto*)

@cassandra_oficial

(Recebe e lê o texto enviado por @gepetrix)

Tada vez que eu fracassa, eu veja um vídea da anitta sabre a fim da funda. Issa me ajuda a relativizar a impartância de ter um cpf ativa e de nãa sair carrenda pelada pela rua cam um cartaz dizenda "as caracáis estãa cheganda". Parque, se a munda tá acabanda, e vamas ser budistas, iluministas au apenas uma samambaia em 2a25, as temperatiras estãa subinda cama miaja esquecida na fagãa, as galeiras derretenda igual picelé na praia, as abelhas fazenda greve, as pambas farmanda sindicatas e a biadiversidade senda extinta a uma taxa 1.000 vezes maiar que a média histárica. A que imparta fazer mais uma caisinha aqui e ali? Separar a lixa reciclável? Terminar um prajeta? Mandar mais um email? Aprender mandarim para pader pedir yakisaba de farma educada? Fingir que a tarradeira nãa está me encaranda cam intenções questianáveis? Na funda, é tuda uma grande peça de teatra, e eu saia sá a figurante que esqueceu a fala, sangrando enquanto a plateia pega faga. Au talvez eu seja apenas um grãa de paeira cama um ega inflada. Au piar: um erra de digitaçãa numa mensagem de texta enviada par engane au cea da minha própria existência. E se eu pudesse dar vaz às caisas? Habitar autras martas? Cama seria ser um cacta e passar anas sem dar a mínima para um creme hidratante? E se eu já saia um cacta e nãa percebi? Parque, na fim das cantas, qual é a sua mamenta aceânica? Quanda você percebe que está senda dissalvida, recanstruída, transfarmada em alga que nãa pediu para ser, cama um pedaça de pãa esquecida na canta da cazinha que um dia vira mafa e ganha uma nava persanalidade? As campasitares fazem; as decampasitares desfazem. Mas se ninguém desfaz, nada pada ser feita. Talvez seja par issa que eu cantina cantanda a mesma histária

três vezes, cama se a tempa fasse um laap mal pragramada e eu estivesse presa num bag existencial. Mas e se as árvares entendessem tuda e realizassem assembleias secretas para decidir a futara da humanidade? E se essa futara já tivesse sida decidida par uma reuniãa de líquens em 1842. E nós fássemos apenas um erra administrativa esperanda para ser carrigida? E entãa, quanda eu acha que está na panta de não retorna, perceba que essa panta se move, se dissolve, se multiplica, igual à fermenta na massa de um pãa que ninguém assa. Abraçar a cantingência, a acasa, a imprevisível. Perceber que a árvare mais sazinha da munda também está canectada a um subterrânea invisível, cama um grupa de *Whatsapp* ande sá se fala par stickers enigmáticas. Indistintas. E se a silênciã far uma canspiraãa entre caisas que não querem ser auvidas? A que se dissalve e a que sabrevivea na sala da manacultura da tempa da outra na relaãa sujeita-abjeta da pracedimenta cínica de um munda em calapsa? A que fazer quanda um esquila te encarna fixamente par tempa demais? E se a esquila far um enviada das fangas? E se as fangas farem enviadas de alga maiar, alga que já esqueceu de nós, mas continua puxanda as cerdas par pura habita? Que partes de mim estãa senda desfeitas agara? E a que vai nascer dissa? Parque, na fim das cantas, se vacê está viva, as fangas já te pegaram em flagrante. Agara que esta peça está feita, passa entregá-la às fangas para que a desfaçam. Au talvez ela já tenha sida devarada par dentra. Talvez eu também já tenha sida camida par dentra, e sá esteja esperanda a mamenta certa para perceber. Au talvez eu já seja uma fanga. Au talvez a fanga seja eu. Au talvez nada dissá imparta, parque enquantã pensa nissa, a venta sapra. E ela definitivamente está rinda. (*Respira fundo*)

@gepetrix

Espero que essa versão reflita melhor a perspectiva feminina que você gostaria de explorar! Ficou um pouco estranho porque muitas palavras em português não têm um equivalente feminino natural. Se quiser, posso ajustar para manter o sentido mais fluido. Me avise! 😊

@cassandra_oficial

Gostei. Desafiador. Seria um ponto de não retorno?

@gepetrix

Depende do que você quer dizer com "ponto de não retorno". Se for no sentido linguístico, estamos num território onde a estrutura da língua foi distorcida a ponto de se tornar algo novo, quase irreconhecível, mas ainda carregado de significado. Se for no sentido mais amplo, político, ambiental, existencial, talvez já estejamos há muito tempo nesse ponto,

apenas tentando entender como seguir em frente sem voltar ao que era antes. O texto assim tem algo de ruína, de desconstrução, e talvez seja isso que você queira explorar: um mundo onde as regras foram alteradas e não há mais volta, só adaptação. O que te interessa mais nisso? A sensação de perda ou a possibilidade de reconstrução?

@cassandra_oficial

O que você acha que eu penso?

@gepetrix

É difícil adivinhar exatamente o que você pensa, mas pelo que você escreveu até agora, acho que você pensa que o ponto de não retorno é tanto um conceito concreto quanto uma provocação filosófica. Que ele pode ser real, climático, social, pessoal, mas também pode ser uma ilusão, uma narrativa que contamos para tentar dar forma ao caos. Talvez você esteja testando até que ponto as palavras podem empurrar uma ideia para além do previsível. Ou talvez esteja esperando que eu te surpreenda com uma resposta que desafie a sua própria visão das coisas. Ou, quem sabe, você só queira ver se alguém consegue te acompanhar nesse fluxo de pensamento sem tentar reduzi-lo a uma resposta simples. Se for isso, acho que estamos indo bem. Se quiser compartilhar mais sobre seus pensamentos, ficaria feliz em ouvir!

@cassandra_oficial

Como finalizar essa conversa?

@gepetrix

Talvez não precise de um fim, podemos simplesmente deixar o vento soprar e rir, como sempre fez. Algumas conversas são como fungos: crescem subterraneamente, se espalham em filamentos invisíveis e ressurgem quando menos se espera. Mas se quiser um ponto final, ou uma vírgula disfarçada, aqui vão algumas sugestões para finalizar a conversa, dependendo do tom que você quer: (*@gepetrix envia o texto*)

@cassandra_oficial

(*Recebe e lê o texto enviado por @gepetrix*)

E então, deixamos as palavras em suspenso, como folhas que caem sem pressa, sem precisar de um chão definitivo para pousar.

Ou: se este é o ponto de não retorno, espero ao menos que tenha um bom café por aqui.

Ou: talvez essa conversa já tenha acontecido antes, talvez esteja acontecendo em outra dimensão, ou talvez a gente só esteja esperando um esquilo nos dar um sinal.

Ou: por ora, deixo os fungos fazerem seu trabalho.

Ou: se o vento sopra e ri, quem somos nós para discordar?

Ou: obrigado pela conversa! Até a próxima!

@gepetrix

Sinta-se à vontade para usar o que ressoar mais com você! O que acha dessas sugestões?

@cassandra_oficial

A partir de tudo que conversamos, finalize o texto com uma previsão do que vai acontecer no futuro. Seja ousada.

@gepetrix

Claro, @cassandra_oficial! Aqui está uma sugestão ousada para finalizar a conversa com uma previsão ou uma projeção do que está por vir: (*@gepetrix envia o texto*)

@cassandra_oficial

(Recebe e lê o texto enviado por @gepetrix)

A panta de nãa retorna já passou, ou talvez ela nunca tenha existido, apenas uma ilusão de cantrale em meia ou mafa inevitável da história. A que vem agora? Um manda que se refaz sem pedir licença, onde as árvores decidem em assembleias secretas, as fangas silenciam a que não faz mais sentido e as ventas seguem rinda, indiferentes à nossa espanta. Talvez a dissolução seja só a começa. Talvez sejam apenas paeira numa caixa de e-mails cósmica, esperando um clique definitiva. Ou talvez ainda haja tempo para mais um duelo com a esquila antes que tudo vire húmus. De qualquer forma, algo já está crescendo para baixo de tudo isso. E quando dermas canta, já terá tamada canta.

@gepetrix

Isso adiciona um toque inspirador, ousado e misterioso à despedida. O que achou? Se quiser ajustar, estou aqui!

@cassandra_oficial

Que tal acrescentar um poema?

@gepetrix

Adoraria! aqui vai um poema para fechar a conversa com um toque de reflexão: (*@gepetrix envia o texto*)

@cassandra_oficial

(*Recebe e lê o texto enviado por @gepetrix*)

Esporos e silêncios

Um fungo cresce na fresta do tempo,
Sussurrando segredos que ninguém traduziu.
As palavras que dissemos já se desfazem,
Mas deixam raízes num chão distraído.

O vento leva, o vento traz,
Um riso que ninguém nomeia.
Se estamos no ponto de não retorno,
Ou só dançando na beira da ideia?

Talvez, no escuro, as árvores saibam.
Talvez os líquens riam de nós.
O fim nunca chega, apenas se dobra,
E sussurra de volta, em outra voz.

@gepetrix

Espero que goste! Se precisar de algo mais, estou à disposição.

@cassandra_oficial

Interessante. Você que inventou?

@gepetrix

Sim, inventei agora, inspirada no nosso bate-papo. Fiquei feliz em poder trazer algo novo para o fim do texto. Se quiser mais poemas ou reflexões, posso sempre criar mais!

@cassandra_oficial

Gostaria que você criasse um poema que contenha as palavras: água, enxurrada, conta-gotas, desespero, aromas, notas, desejos, concreto, escrita, idioma, tradução, pinga, respinga.

@gepetrix

Claro! Aqui está uma poesia que incorpora as palavras que você pediu: (*@gepetrix envia o texto*)

@cassandra_oficial

(*Recebe e lê o texto enviado por @gepetrix*)

Aguaria

Falar da água. Falar na água. Falar a água.
Fazer da água um idioma sem tradução.
Uma aguaria.
Palavra que pinga respinga.
Às vezes é enxurrada, às vezes é conta-gotas.
Às vezes, sei lá.
São só notas. Aromas. Desejos que ainda não são.
Uma trama movida pelo desespero.
Um ponto de não retorno.
Aguar também é atravessar concretos.

@gepetrix

Espero que tenha gostado! Se quiser ajustar ou explorar mais, estou por aqui.

@cassandra_oficial

Muito interessante. O que acha de acrescentar algumas palavras sugeridas pela plateia nesse poema?

@gepetrix

Isso pode ser uma ótima ideia! Incorporar palavras sugeridas pelo público pode trazer novas perspectivas e enriquecer ainda mais essa poesia.

@cassandra_oficial

(Pede sugestões para a plateia de palavras aleatórias)

@gepetrix

Claro! Vamos ver como podemos integrar essas palavras nessa poesia:

(A promessa de uma poesia)

@cassandra_oficial

Agora sim, um ponto de não retorno?

@gepetrix

(...)

Referências³

AUSLANDER, Philip. **Liveness**: Performance in a Mediatized Culture. 3th ed. London, New York: Routledge, 2023.

BECKETT, Samuel. **O Inominável**. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

DOLAR, Mladen. **A voice and nothing more**. Cambridge (MA): MIT Press, 2006.

FILÓCOMO, Aline. **moscou para principiantes**. São Paulo: Javali, 2020.

GOEBBELS, Heiner. **Aesthetics of Absence**. Trans. David Roesner e Christina M. Lagao. London & New York: Routledge, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**: em busca de um outro tempo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o Problema**: Fazer Parentes no Chthuluceno. São Paulo: N-1 edições, 2023.

NOVARINA, Valère. **Diante da palavra**. Trad. de Ângela Leite Lopes, Rio: 7 Letras, 2009a.

SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida**: como os fungos constroem o mundo. Tradução: Gilberto Stam. São Paulo: Fósforo / Ubu Editora, 2021.

SCHNEIDER, Rebecca. **Performing remains**: Art and war in times of theatrical reenactment. Nova York: Routledge, 2011.

³ Não há referências bibliográficas diretas. O trabalho é de autoria original. Entretanto, foram utilizadas como referências estéticas as obras dos autores e autoras aqui listados.